

Produção de conhecimento como prática de luta política e social?

Reynals, Cristina; Crudi, Roxana; Surian, Alessio.

Introdução

Este trabalho apresenta os Encontros Internacionais “Construindo a Universidade Popular Urbana na América Latina”, da Universidade Popular Urbana (UPU), uma iniciativa da Aliança Internacional dos Habitantes (AIH).

Apresentaremos primeiro os objetivos da Universidade e depois a experiência dos dois encontros UPU realizados em Buenos Aires (Argentina) em Maio de 2006 e em Santo Domingo (República Dominicana) em Abril de 2007.

Iremos aprofundar, em seguida, a apropriação e a produção de novos conhecimentos por parte dos participantes do segundo encontro. A partir de histórias como recurso metodológico, pretendemos investigar em sua subjetividade, suas experiências, sua luta e a possibilidade de ser transformadores da realidade por meio do conhecimento.

Por fim, as elaborações irão debater os procedimentos na proposta do método de encontros narrativos, cuja especificidade vem pela persistente tentativa de compartilhar e produzir a interpretação de todos os intervenientes do processo de produção de conhecimentos.

A Universidade Popular Urbana e os seus objetivos

A UPU é uma iniciativa da Aliança Internacional dos Habitantes, uma rede internacional de pessoas e organizações que lutam pelo direito à moradia, estabelecida no âmbito do Fórum Social de Mumbay de 2004. As principais campanhas da AIH são “Despejo Zero” e a constituição a nível nacional de fundos para o direito à terra e à moradia, que envolve a participação da sociedade civil na gestão dos recursos resultantes de acordo da anulação da dívida externa. Para reforçar estas campanhas é essencial a troca de experiências de boas práticas realizadas por associações locais e nacionais, e por instituições que lidam com a questão da construção social do habitat. A UPU surgiu de um estudo de viabilidade realizado com o apoio do Governo Basco que mostra a necessidade e a aspiração das diversas entidades que compõem a AIH para:

- Aumentar a conscientização sobre o habitat, questões de moradia e urbanas, através da vinculação da investigação, publicação e atividades de formação com uma abordagem transformadora e inclusiva.
- Capacitar os funcionários e voluntários de associações de habitantes nas áreas de aprendizagem percebidas como relevantes para seu trabalho e lutas.
- Garantir que os funcionários e voluntários das associações de habitantes tenham acesso a experiências de aprendizagem interculturais que levem a uma cultura crítica e transformadora em questões de habitat.

A UPU favorece atividades de investigação, formação, intercâmbio de experiências e publicações nas seguintes áreas:

- Questões principais na organização e na capacitação: atenção especial ao planejamento, avaliação, desenvolvimento de políticas; outras áreas de interesse incluem comunicação, gestão do tempo e recursos, e participação;

- A dimensão global/local sobre questões em matéria de moradia, a capacidade de compartilhar experiências entre organizações de pares e desenvolver relações colaborativas;
- A construção social de habitat e o direito à cidade. Tensões principais, intervenientes e conceitos, incluindo a segurança da propriedade, duração da moradia, espaço suficiente da habitação, o acesso à água, sanitários, etc.
- O papel dos movimentos sociais de moradia e suas comunidades e ação política a nível local e regional, no âmbito dos processos do Fórum Social Mundial e do Fórum das Autoridades Locais.

Neste contexto também têm um papel fundamental o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e a capacidade de utilizar aplicações estratégicas de TIC dentro das respectivas organizações, assim como em redes e intraredes nos principais setores de atividades da UPU, capacitação, investigação e co-produção de pesquisa, documentação e sistematização.

Os Encontros Regionais da UPU

Até agora foram realizados dois encontros regionais UPU “Construindo a Universidade Popular Urbana na América Latina”, o primeiro em Buenos Aires (Argentina, Maio de 2006) e o segundo em Santo Domingo (República Dominicana, Abril de 2007). Os participantes foram:

- a. Líderes atuais ou potenciais de bairros populares, instâncias de centralização de associações micro-empresariais, bancos municipais e outras organizações de mulheres, grupos de jovens e de paróquias, etc.
- b. Jovens com grau secundário completo ou incompleto.
- c. Gerentes de atividades econômicas locais.
- d. Ao interno de nossa opção educacional pretendemos dar igualdade de oportunidades em relação ao gênero (participantes mulheres e homens), à idade (participantes adultos e jovens) e ao tipo de organização (unidades e associações econômicas, de vizinhança, etc.)

Os encontros regionais “Construindo a Universidade Popular Urbana na América Latina” querem incentivar o desenvolvimento das capacidades dos líderes populares como agentes do seu próprio destino e o desenvolvimento de suas localidades, com capacidade de governo e de proposta, e propiciar a reflexão em volta dos temas essenciais diretamente ligados com as necessidades e objetivos da AIH; são objetivos complexos que requerem uma participação ativa e conseqüente das várias forças vivas de uma localidade ou região.

A UPU não pretende conseguir por si só o desenvolvimento destes objetivos, mas quer contribuir nesse esforço, construindo e propiciando alianças e acordos o mais possível amplos. Não obstante estamos conscientes de que o trabalho educativo não é neutro e não é separado pelos grandes problemas de uma região ou de um país. Por isso nossas alianças educacionais devem basear-se em objetivos claros e em uma visão comum de mudança. Este é o elemento constitutivo crucial do perfil que o programa educacional quer dar aos seus membros.

Nesse esforço o programa educacional não pretende criar novos líderes como objetivo primário. Na maioria dos casos estes líderes já existem e participam ativamente na vida de suas comunidades. O que nós queremos é contribuir para o melhor desenvolvimento deles, forjar as suas identidades e a compenetração com a realidade, despertando seus sentimentos de solidariedade em uma perspectiva clara de transformação social.

A metodologia dos encontros tem adotado como referência a prática da co-produção investigativa (<http://up.opencontent.it/cdiai/metodologia/met9.html>) adaptando-a aos contextos que não são em primeiro lugar de investigação. Se trata de um método para a produção coletiva de conhecimento científico. O encontro narrativo é um dos componentes desse método, não como instância metodológica para que o “sujeito” pesquisador deduza conhecimentos e instruções do “objeto” de estudo, mas como uma condição necessária para a produção coletiva de tais instruções e conhecimentos. São aqueles casos em que ambas as partes se reúnem para realizar uma ação, mas que vai mais longe até envolver os intervenientes sociais em tal prática, tornando-os sujeitos pesquisadores e, portanto, co-produtores de conhecimento, já não apropriado unilateralmente pelos sujeitos acadêmicos que se encontram com eles no encontro narrativo. Outra premissa é o reconhecimento da complementaridade do conhecimento como eixo da convergência do diálogo, ao invés da hierarquia de instruções mobilizada em função do conhecimento acadêmico e socialmente legitimado (de Sousa Santos, Meneses, 2009). O encontro narrativo permite a interrogação coletiva e simultânea de discursos complementares e, portanto, reciprocamente assimétricos, descobrindo juntos a cooperação inerente à produção de conhecimento. Assim, em um processo de pesquisa conjunta, todos juntos, há uma convergência dialógica na qual se promove uma forma de conhecimento mais diretamente apropriada por parte do interveniente social, sendo que ele participa como produtor do mesmo, como co-produtor (Bialakowsky et al., 2006). Uma das premissas do encontro narrativo é a comunicação não violenta (Bourdieu, 1999: 528-9), o qual distingue radicalmente o encontro narrativo de outras técnicas metodológicas, como a entrevista ou o inquérito, que estabelecem os objetivos e as regras de interação do pesquisador ao investigado. No entanto, o encontro narrativo não se limita à escuta ativa e metódica, postulada por Pierre Bourdieu como um meio de reduzir a violência na comunicação; o encontro narrativo pode ser visto como prática: não se têm antes os dados da narração, mas esta é interrogada criticamente em sua materialidade, toda vez que sua âncora material é a base da produção teórica de conhecimento, permitindo dinamizar dialéticamente o processo coletivo de produção de conhecimento. Falar em termos de conhecimento como subjetividade, dentro da lógica da investigação co-produtiva, destaca pelo menos três dimensões centrais: por um lado, a produção coletiva como uma ferramenta para o reconhecimento do outro e de si mesmo; por outro lado, a recursão do método e, em fim, as possibilidades de apropriação e re-apropriação a partir da interrogação comum. O que a co-produção descobre é, precisamente, que a relação entre objeto e sujeito é de caráter social; o conflito seria então dado pela trama de interpretações nesta “nova figura epistemológica”. Desse modo, se revela a relação entre duas subjetivações (a de quem investiga e um objeto subjetivado), um em cada pólo, relação que produz um efeito subjetivante (Sotolongo et al., 2006).

Os participantes do segundo Encontro UPU, intervêm a respeito com os seguintes conceitos:

- *A co-produção é ir onde estão os problemas, aprofundar e tratar de buscar soluções.*
- *É a participação do cidadão, integrando os conhecimentos para pesquisar.*
- *É necessário construir o espaço de encontro onde cada narração se articule com a outra e entre todos construirmos uma narração coletiva, um espaço não violento onde cada um escute o outro. A possibilidade de implementação leva tempo. O armado do dispositivo de intervenção pode ser com as instituições ou com as organizações dos bairros.*

Objetivos específicos dos Encontros

Os encontros regionais “Construindo a Universidade Popular Urbana na América Latina” tiveram três objetivos principais:

- a. Facilitar o desenvolvimento das capacidades dos líderes populares como agentes de seu próprio destino e o desenvolvimento de suas localidades.
- b. Promover a capacidade de governo e propostas dos líderes.
- c. Incentivar a reflexão sobre as principais questões diretamente relacionadas com as necessidades e objetivos da AIH e do movimento popular.

Os objetivos que o processo de aprendizagem busca são:

- a. Desenvolver a capacidade de relacionar os problemas específicos com as causas que os originam e com as conseqüências que produzem, e, portanto, propor alternativas de solução viável pelo ponto de vista prático mas radical, no sentido de ir à raiz dos problemas e das soluções.
- b. Gerenciar a problemática específica relacionada com os temas sobre a cidade, a terra e a moradia, participar ativamente no debate sobre estas questões, fazer propostas e negociar com as autoridades correspondentes medidas favoráveis para a população.
- c. Promover o fortalecimento e a cooperação dos diferentes intervenientes locais gerando entre eles sinergias favoráveis para a melhoria da qualidade de vida da população.
- d. Incentivar a auto-estima, a identidade cultural e os valores morais da população em vista de um projeto coletivo de mudança.

Para atingir os objetivos estabelecidos a UPU identifica quatro componentes que devem ter a proposta educacional:

- a. Ordem, sistematização e capacitação em forma coletiva, do conhecimento empírico da realidade e também das experiências de organização da comunidade e da iniciativa dos cidadãos.
- b. Transferência de informação, conhecimentos e técnicas aptas às necessidades dos objetivos de aprendizagem indicados, vinculando-os com a potenciação de instruções e competências locais, de modo a assegurar um processo de ida e volta e de aprendizagem mútua.
- c. Projeto de propostas educativas específicas relacionadas com cada realidade local e com os planos de desenvolvimento integral.
- d. Desenvolvimento de mecanismos educacionais que permitam favorecer a “apropriação” do espaço local por parte dos estudantes (ou seja, que o encarem como um todo e o incorporem como uma perspectiva que com seu agir traz ordem) utilizando mapas, registros prediais, percursos locais, etc.) bem como a sua identidade histórica e sociocultural.

A temática nos encontros da UPU

Os temas desenvolvidos nos Encontros são o produto do debate e a escolha das organizações envolvidas, tanto as anfitriãs quanto as visitantes. Desta forma, uma vez na agenda, requerem um trabalho intensivo por parte da coordenação da UPU para a busca de especialistas/professores/facilitadores que estejam dispostos a montar um programa contendo as preocupações dos participantes e uma metodologia participativa que energize o processo de ensino = aprendizagem em um âmbito de articulação academia = movimento social.

Para o Primeiro Encontro as organizações sociais selecionaram os seguintes tópicos:

A. PROBLEMÁTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Visualização por parte dos participantes das diferentes problemáticas locais de seu lugar de origem, semelhanças e diferenças, possíveis articulações.

B. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Planificar e implementar criticamente meios para promover, favorecer e/ou incrementar o desenvolvimento sustentável nas áreas econômicas, sociais, políticas e culturais, com Justiça Social e Equidade de Gênero.

Planificar e implementar meios para promover, favorecer e/ou incrementar a melhoria do habitat e do meio ambiente.

Identificar, analisar e investigar os fatores fundamentais que intervêm no desenvolvimento local sustentável, bem como as relações entre suas diferentes variáveis. Tais áreas estão começando a compreender o processo de desenvolvimento e a descobrir aquelas variáveis que facilitam e que impedem o processo.

Desenvolver, implementar e avaliar, junto com os diferentes intervenientes, propostas de planos de desenvolvimento local sustentável. Aconselhar instituições públicas e privadas sobre a metodologia do desenvolvimento local.

C. GESTÃO PÚBLICA E CIDADANIA

Identificar os intervenientes e as variáveis mais significativas para garantir a governação dentro de um ambiente democrático, de respeito aos direitos da cidadania de participar ativamente e sem limitação no planeamento, execução e avaliação do processo decisório do governo local.

Concebir e implementar propostas de modelos de gestão de acordo com as necessidades identificadas no diagnóstico.

Investigar o nível de conhecimentos e competências das pessoas que exercem o serviço público e a vigilância dos direitos dos cidadãos. Propor planos e implementá-los para superar essas deficiências através de programas de divulgação e comunicação.

Aconselhar as autoridades, funcionários públicos, empresários e líderes, sobre os direitos dos cidadãos nas diferentes áreas de desenvolvimento.

D. ECONOMIA SOLIDÁRIA

Investigar e conhecer as raízes e as possibilidades atuais da economia solidária como uma ferramenta de promoção do desenvolvimento local, nas áreas econômicas, políticas e culturais.

Projetar propostas de implementação do sistema cooperativo nas diferentes áreas da indústria, comércio, cultura e organização social. Sendo capazes de implementar, avaliar os resultados e propor medidas corretivas.

A avaliação dos Encontros

Tiveram dois momentos, um de grupo em rodada e o outro individual escrito.

Nas fichas de avaliação dos Encontros se lê:

Me sinto orgulhosa e agradecida, estou criando um espaço de valor para mim, para meu bairro, para o meu país e para a América Latina e também para que os meus filhos se sintam orgulhosos de mim e de meu país.

É de se evidenciar que os participantes encontram espaços coprodutivos próprios, durante as viagens entre os hotéis e a Universidade, durante as tardes livres ou compartilhando espaços de recreação à noite, após dias de intenso trabalho. Desses encontros surgiram produções como as seguintes, que foram dispensadas durante os espaços de avaliação dos encontros:

A Canção da UPU

*AIH organizou um grande evento
Tentando ajudar
Com organizações e construindo
Um espaço popular.
A Universidade Urbana será
Aquilo que muitos vão formar
Os países já estão unidos, eu acredito que isso já foi dito.
Coro
A UPU é um espaço
De unidade e produção
De propostas e ações
Na luta para a solução.
A UPU é um espaço de
Unidade e Produção, construindo
Por debaixo do poder. A UPU chegou... (Bis)*

A Vida

(Poesia de *Kiuver Agramante RD*, Sessão de Vídeo Participativo)

Os problemas são muito fortes.
Nós morremos sem vida.
O que foi que nós fizemos?
Se perde a tradição.
O que fazem no governo?
Quantos somos na vida?
Quantas pessoas estão bem?
Para onde iremos neste mundo?
Quando esta guerra vai acabar?
Quando iremos traduzir este mundo?
Somente a tecnologia funciona.
A vida econômica é difícil.
Porém as nossas casas são sonhadas.
Porém os que se foram são agressivos.
Porém ignoram os esforços das crianças.
Há muito esforço que cai no chão!
Que seja o negativo que caia no chão
Que vocês vejam que todos juntos vamos mudar esse mundo...

(dado à coordenação após o encerramento e a avaliação do segundo encontro)

Produção de conhecimento como prática social?

No âmbito do segundo encontro UPU se trabalhou com os moradores da República Dominicana e do Caribe, mais os participantes da Argentina, Bolívia e Peru que haviam participado do encontro anterior.

Através de diversas dinâmicas se trabalhou com os participantes desde sua própria subjetividade até sua participação no grupo e, a partir daí, surgiram histórias de experiências e conhecimento sobre as suas lutas que puderam trocar e dar um novo significado. Cremos que as histórias falam por si, e dão voz aos que não podem difundi-las ou serem escutados. Esses encontros permitem que este conhecimento possa ser reapropriado para novas lutas.

“...Sou solteira mas tenho uma filha de 18 meses, meu pai morreu e tenho 6 irmãos, vivo em uma paróquia em Venezuela, onde vivem 107 famílias lutando pelo direito à cidade, e ficar sem luz nos motivou a organizarmos. Criamos a participação como processo de mudança. Gosto de percussão e dizem que sei cantar bem. Acredito na mudança para o intercâmbio e a pesquisa...” Nora, Venezuela.

“...Sou viúva, tenho três filhos, luto para a propriedade da terra junto com os camponeses, para o direito a um pedaço de terra e um teto, para que aqueles que não têm voz possam serem escutados...” Margarita, Federación Campesina M. Lingo, R. Dominicana.

“...Gosto das cucusas, a minha organização é para a nutrição, mas de conhecimento, luto para o movimento econômico e social ligado à natureza, sofrimos vários terremotos, sou parte da Universidad Libre y democrática Fidel Castro que encara problemas de educação. O conhecimento se produz na prática e a prática é o povo, pois ela nasce pelo povo e o governo deve admitir isso, ninguém se preocupa em legitimar o conhecimento popular. Nos expropriaram do conhecimento assim como expropriam da terra...” Galileo, FUPANSAL, Universidad Fidel Castro, El Salvador.

Após as apresentações, onde puderam expressar suas expectativas, se trabalhou trocando suas práticas com a teoria social; a seguinte história é de um grupo de trabalho:

“No dia 25 de Novembro de 2005, se ouviram, às 5 horas cerca da madrugada, sussurros e vozes, em seguida, um grande rugido de tiros e bombas. Estavam despejando uma das famílias de Brisas del Este.

Nesta ação de despejo tinha uma banda de delinqüentes chamada los Bruites e mais de 100 militares de diferentes organizações que atacaram a comunidade com bombas e tiros, tirando seus pertences e deixando-os na rua, roubando o que podiam e com a ordem de destruir as casas, deixando estas pessoa na rua sem saber o que fazer, para onde ir e para quem reclamar.

Das casas despejadas uma era a de um líder comunitário, Soler Pérez, presidente da UPROBRISAS; neste fato, ele foi investigar o que aconteceu, porque ninguém tinha sido notificado de uma ordem de despejo. Esse líder foi recebido com tiros, a qual um o atingiu atrás da orelha esquerda; ele ainda tem essa bala, pois não conseguiram tira-la do corpo dele.

Os enfrentamentos que esse líder teve com o Procurador do Estado Nelson Montos para evitar que as pessoas de sua comunidade fossem despejadas e a ameaça que este Procurador lhe fez, que arrancaria sua cabeça se não o deixasse atuar o despejo, mostra claramente que a intenção na ação de despejo era matá-lo, e além disso, quando o irmão e o tio dele foram socorre-lo, seguiram e tiraram neles que também foram feridos um em um braço e o outro em uma perna.

Quando amigos e vizinhos conseguiram resgatar os feridos no lugar do tiroteio, correndo porque estavam sendo perseguidos, os levaram ao hospital e Soler pude imediatamente falar sem medo e deu, logo no hospital, declarações à imprensa sobre o que aconteceu. As violações foram tantas que, ainda no quarto de internação havia vigilância dia e noite, como se estivessem lidando com um criminoso e não um diretor de escola e presidente de uma associação comunitária.

Os militares tentaram ultrapassar com a força o irmão e o tio de Soler para prendê-lo, mesmo sem qualquer acusação criminal contra ele. Soler não foi preso porque um grupo de pastores e comunitários fez pressão para que o deixassem e além disso a sua família considerou o Nelson responsável por tudo o que poderia acontecer com o líder.

Fora do hospital Soler continuou deixando declarações aos vários meios de comunicação denunciando o acontecido e considerando responsável pelo ato o Procurador do Estado Nelson Montos.

Com a ajuda de advogados seguiu em frente investigando sobre a situação do solar, e durante a investigação descobriu que o solar que é exigido pela suposta proprietária não é localizado onde destruíram as casas das 16 famílias.

Soler ainda está em pé de guerra mostrando a situação do terreno ao Procurador do Estado, não só na área onde moravam, mas também no setor de Brisas del Este e outras áreas que precisam de sua cooperação”. Sara Payano (sócia de Soler) Cooperativa COPHABITAT (história escrita a mão e entregue no II Encontro da UPU, República Dominicana, 2007).

Consideramos importante a história de um participante no primeiro encontro UPU em Buenos Aires, para a contribuição que trouxeram suas lutas ao conhecimento produzido e reapropriado na mesma:

“...Sou parceiro, tenho três filhos, amo a música, amo o folclore do meu país, o tango, a cumbia, o valsillo, merengue, salsa e ranchera. Nós pobres marginalizados e esquecidos recorremos à ação em massa para invadir os terrenos desocupados formando assentamentos. No Peru há a violência política, a interrupção do movimento popular; antes éramos estigmatizados como terroristas. Com a experiência de FEDEVI (Federación de Villas de la República Argentina) nos temos reforçados, temos recorrido à consultores em saneamento, assessores jurídicos e surgiu no Peru a Federação. No 28 de Janeiro de 2007 se começou a conhecer a AIH e queremos lançar o Despejo zero, porque em nosso país há muita corrupção dos judiciário que beneficiam às imobiliárias e não deixam nada para o povo...” Nicanor, Peru.

“...Sou solteira, gosto de chocolate, de dançar, de criar com as mãos, de desenhar, de pintar e lutar para retirar o lixão municipal, até chegar à construção de habitações; sou uma promotora de saúde, educadora popular, trabalho na economia da mulher, pela luta de gênero, pelo direito à sexualidade e contra a violência contra as mulheres...” Maria de los Angeles, México, II Encontro UPU.

O processo operado por Maria pode constituir-se como sujeito de transformação para si mesma em primeiro lugar e, em seguida, para a sua comunidade; este processo se tornou visível através de seu passo até o Encontro, onde se apresentou desde sua subjetividade para conseguir, através da produção de conhecimento coletivo, contar sobre o momento em que pode constituir-se como sujeito na luta pela sua comunidade.

“Não visitava o lixão da minha colônia desde os nove anos. Um lixão onde se encontrava de tudo, de um prego até uma criança e para mim era divertido encontrar coisas estranhas, como ver um cachorro carregando uma criança morta – Tinha me esquecido do lixão por muito tempo. Quando voltei, foi porque o lixão se incendiou no 30 de Abril, Dia das Crianças; grandes nuvens pretas de fumaça e o cheiro chamaram a minha atenção, como eu vivo a 200 metros do local, corri até este lixão e foi muito impressionante: naquele momento o lugar estava cheio de fumaça preta e as pessoas não querendo sair de suas habitações por medo de serem assaltados em suas casas. A fumaça subia e se pediu que chegassem os bombeiros de outros municípios, mas veio apenas um caminhão com 4 bombeiros que não quiseram apagar o fogo. Não vou poder afastar esta imagem de minha vida até eu morrer. Oito crianças foram apagar o fogo com as mangueiras colocando em seus pés pano e papelão para passar entre as chamas. Quando vi isto o véu que cobria meus olhos caiu; o que eu estava fazendo aí e essas crianças poderiam terem morrido, mas graças a Deus não aconteceu morte nenhuma. As crianças me conscientizaram e desde então fiquei trabalhando neste lugar. Nove anos de luta e enfim conseguimos levar o lixo para fora do nosso espaço. Hoje, essa nossa casa de Saúde Popular, de um local de morte se tornou um lugar de vida”.

Á minhas amigas e irmãs, Obdulia, Felipa, Juanita, Ignacia, Margarita, Lúcia e Belén. María de los Angeles Prieto Linares Veracruz. México(história escrita à mão e entregue no segundo Encontro UPU, R. Dominicana, 2007).

Na história de Maria de los Angeles podemos definir essas dimensões, uma subjetiva, quando ela se apresenta; a outra social, na narração de sua relação com o lixão, e uma coletiva, em suas palavras “caiu um véu”.

Quando ela diz “*as crianças me conscientizaram*” revela a sua própria descoberta do momento em que decide que sua participação pode ser uma ajuda na problemática da sua comunidade.

Além disso, para concluir, se trabalhou em uma rodada general onde cada participante pode avaliar o Encontro e mostramos o que foi produzido através dessas reflexões coletivas:

“Adquirir conhecimento e nutrir as organizações. Adquirir conhecimento a partir de experiências, trazer experiências próprias. Criar ligações entre as organizações, divulgar o trabalho”.

“A troca de experiências, ver como se organiza o povo, eu gostaria que a UPU pudesse servir não só para os líderes, mas para a comunidade”.

“Eu pensei que as universidades estivessem em lugares até onde as pessoas como nós não podiam chegar”.

“Eu acredito que um outro mundo seja possível, enriquecer conhecimentos, conhecer os meus direitos. Conhecemos e aprendemos as problemáticas de outros países”.

“Queria reforçar o que aprendi no primeiro curso na Argentina, com Peru e Brasil. Aqui há mais países, conhecer às expectativas de todos os países, para o que eles estão passando e seguir as

lições aprendidas, leva-las e replicá-las no meu bairro para fortalecer a organização e gestão qualitativa e quantitativa para capacitar os cidadãos a participarem mais. Atrair mais moradores a aderir à organização”.

Esse processo é passado por múltiplas dimensões que envolvem o nosso desafio como pesquisadores das ciências sociais, revelar ao lado dos moradores nestes encontros a fim de torná-las visíveis e produzir conhecimento sobre elas.

“Os pesquisadores podem também recorrer a algo novo: fomentar o aparecimento de condições organizacionais de produção coletiva que levam à criação de um projeto político. Afinal das contas, a Assembléia Constituinte de 1789 e a Assembleia de Filadélfia foram feitas por pessoas comuns que tinham alguma cultura jurídica, que haviam lido Montesquieu e inventaram estruturas democráticas. E hoje, de uma forma semelhante, temos que produzir novos fatos”. (Bourdieu, 2000, p. 154)

Nos Encontros se visualiza um componente dentro do processo de produção de conhecimento que enfatiza a possibilidade de dar um novo significado ao espaço para a reflexão, assim como ao espaço vivencial nos bairros onde a experiência dos participantes é a maior protagonista, através do encontro narrativo. A co-investigação tenta mudar no mesmo ato de produção de conhecimento a subjetividade de ambas as partes e as coloca no jogo do intercâmbio, de “verdade” e, portanto, a atribuição de coprodução é obra de ambos, a in-distinção ocorre na ação coletiva: são assim reduzidas a assimetria tradicional (escondida, em geral, nos instrumentos de re-coleção) e a necessidade do tradutor. O exercício da rodada de intercâmbio opera nos encontros da UPU como uma síntese analítica. Em primeiro lugar é mostrado o caminho do conhecimento, em segundo lugar se encontra o caminho da história institucional e, terceiro, o caminho autobiográfico. Então, essa convergência obtém a identificação do participante, na leitura dos fatos que são narrados e sua conceituação, e se tem acesso através do caminho de conhecimento que tenta ser, sem traição, sem dissimulação, sem subtração. Por último, o que foi colocado em debate pode ser tomado como pertencente a cada um com seu plus valor de trabalho coletivo que tenta compartilhar perspectivas de resistência contra a dominação biopolítica. (Agamben, 2002)

A pergunta é até onde essas identidades poderão apropriar-se dela como uma ferramenta para buscar formas alternativas de transformação.

“É a partir destas terras incertas e sem nome, destas perturbadoras áreas de indiferença, que os caminhos e as formas de uma nova política devem ser pensados”. (Agamben, 2002, p. 216)

A riqueza dos encontros não reside apenas na troca de experiências entre os presentes, mas na apropriação e produção de conhecimento visível em novas respostas, mas, sobretudo, em novas perguntas.

Bibliografía

Agamben, G. (2002), Homo Sacer I. El poder soberano y la nuda vida, Biblioteca de Filosofía, Editora Nacional, Madrid.

Agamben, G. (2005), *Estado de excepción*, A. Hidalgo editora, Buenos Aires.

Bialakowsky, A.L.; Costa, M. I.; Patrouilleau, M. M.; Martínez Schnaider, R.; López, A. L. (2006), "Capitalismo y método. Alternativas de la coproducción investigativa", em *Revista Lavboratorio*, Año VII, N°19, Otoño/Invierno, Buenos Aires.

Bialakowsky, A.L.; Reynals, C.; Zagami, M.; Crudi, R.; Costa, M.I. y Haimovici, N. (2004), "Procesos sociales de exclusión-extinción. Comprender y coproducir en las prácticas institucionales en núcleos urbanos segregados", em Mota Díaz, L. y Cattani, A. D. (coord.), *Desigualdad, pobreza, exclusión y vulnerabilidad en América Latina. Nuevas perspectivas analíticas*, UAEM-CEMAPEM-UFRGS-ALAS, Toluca, México.

Bialakowsky, A.L.; Reynals, C.; Zagami, M.; Crudi, R.; Costa, M.I. (2005), "Núcleos Urbanos Segregados. Procesos de Exclusión-Extinción Social y prácticas institucionales", en Borthagaray, J.M; Igarzábal de Nistal, M. A.; Weistein-Krasuk, O. (comp.), *Hacia la Gestión de un hábitat sostenible*, Nobuko-FADU/UBA-CIM-ISUTyA-CEHyV, Buenos Aires.

Bourdieu, P. (2000), *El sociólogo y las transformaciones recientes de la economía en la sociedad*, Libros del Rojas-UBA, Buenos Aires.

Bourdieu, P. (1999), *La miseria del mundo*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.

Bourdieu, P. (2002), *Pensamiento y Acción*, Libros del Zorzal, Bs As, *Declaración of Academic Freedom. Scientific Human Rights (Declaración de Libertad Académica. Derechos científicos del Ser Humano)*, introducida por Dmitri Rabounski, Editor Chefe da Revista *Progress in Physics*, em *Progress in Physics*, Volume 2, Abril de 2006.

Fals Borda, O. (1987), *Ciencia propia y colonialismo intelectual. Los nuevos rumbos*, Carlos Valencia Editores, Bogotá.

Foucault, M. (1992), *Microfísica del poder*, Las ediciones de La piqueta, Madrid.

Freire, P. (1986), *Hacia una pedagogía de la pregunta. Conversaciones con Antonio Faúndez*, Ediciones La Aurora, Buenos Aires.

Reynals, C. Surian, A (2008), *La Universidad Popular Urbana: Los Encuentros Regionales*, Trabalho apresentado no Forum Paulo Freire, São Paulo

Santos de Sousa, B. (2004), *Reinventar la democracia. Reinventar el Estado*, CLACSO.

Sabtos de Sousa B. (orgs.) (2009), *Epistemologias do sul*, Almedina, CES, Coimbra

Sotolongo Codina, P. L.; Delgado Díaz, C. J. (2006), *La revolución contemporánea del saber y la complejidad social. Hacia unas ciencias sociales de nuevo tipo*, CLACSO, Buenos Aires.